



<http://dx.doi.org/10.30681/23588403v13i0117>

## O GÊNERO DE “OVO E A GALINHA”, DE CLARICE LISPECTOR: UMA QUESTÃO DE FORMA<sup>1</sup>

Data de recebimento: 06/12/2019

Aceite: 12/02/2020

Simão Pedro Silva de ANDRADE (FACHO)<sup>2</sup>

**Resumo:** Propõe-se neste trabalho discutir a problemática associação do texto **O Ovo e a Galinha** (1998), de Clarice Lispector; com os gêneros da crônica e do conto. Para isso, se utilizara as teorias proposta por BAKHTIN (2003) e MARCUSCHI (2002), em relação aos gêneros discursivos. Também será introduzido à discussão as noções estruturais dos gêneros mencionados anteriormente, encontradas, principalmente, nos dois livros de MOISÉS (2006/2006). Por fim, pretende-se demonstrar uma possível configuração do fenômeno a parti das resoluções originadas da análise.

**Palavras-Chave:** Gênero; O Ovo e a Galinha; Clarice Lispector; Conto; Crônica.

**Abstract:** It is proposed in this work to discuss the problematic association of the text **O Ovo e a Galinha** (1998), by Clarice Lispector; with the genres of the chronicle and the short story. For this, the theories proposed by BAKHTIN (2003) and MARCUSCHI (2002) were used, in relation to the discursive genres. The structural notions of the aforementioned genres will also be introduced to the discussion, found mainly in the two books by MOISÉS (2006/2006). Finally, it is intended to demonstrate a possible configuration of the phenomenon from the resolutions originated from the analysis.

**Keywords:** Gender; The Egg and the Chicken; Clarice Lispector; Tale; Chronicle.

### INTRODUÇÃO

A obra “**O Ovo e a Galinha**”, de Clarice Lispector (1998), transita em meio a divergências quanto ao seu gênero desde sua publicação. Inicialmente publicado como um Conto, no livro **Felicidade Clandestina** em 1964, posteriormente introduzido a uma coletânea de crônicas da autora, intitulado **A Descoberta do Mundo**, em 1984, sem nenhuma alteração no texto. A própria Lispector, em resposta às indagações, comenta no livro “[...] Gêneros não me interessam mais” (LISPECTOR, 1998).

O texto da autora tem como premissa inicial narrar a manhã de uma mulher – que acaba por não ser nominada – ao preparar o café da manhã de sua família. No entanto, ao se deparar

<sup>1</sup>Trabalho produzido na disciplina Linguística II: sintaxe, semântica e pragmática, com o objetivo de analisar e discutir o emprego inadequado dos termos conto e crônica a obra **O ovo e a galinha** (1998) de Clarice Lispector.

<sup>2</sup> Graduando do 4º do período do curso de Letras na instituição de ensino superior FACHO



com o Ovo, a Personagem-Narradora sofre uma “epifania” (nomenclatura convencionada pela crítica contemporânea de Clarice Lispector – um recurso comum em toda sua obra.); o que desfigura completamente o eixo narrativo já nas suas próximas linhas.

Este trabalho pretende discutir a problemática relação da obra com os gêneros da Crônica e Conto, citados anteriormente. Utilizaremos, dentre outras concepções teóricas, das expostas por BAKHTIN (2003) e MARCUSCHI (2002), em relação a gêneros discursivos; além das teorias relativas ao Conto, propostas por MOISÉS (2006) e GOTLIB (1991); juntamente com a estudos sobre o gênero da Crônica em CANDIDO (1992) E MOISÉS (2006). Pretende-se deixar claro, como ficar subtendido no referencial metodológico escolhido, que o presente trabalho pretende estudar a questão numa ótica ampliada, tanto literária, quanto discursiva.

A análise se baseará na identificação de algumas das inconsistências perceptíveis no texto quando comparado ao que sabe sobre os gêneros e, por fim, se introduzirá a perspectiva Bakhtiniana; com a finalidade de tentar caracterizar o fenômeno em questão. Não se procura, no entanto, com esta discussão, trazer uma resolução para o problema de classificação em textos literários modernos, subversivos ao cânone. O que tem se tentado fazer em relevante parte da história da Teoria dos Gêneros contemporânea que, no que se percebe, está sempre inclinada a incompletude.

## 1. Gêneros

Gêneros, do latim *Genus-eris*, que remete a origem, classe, espécie; foi a maneria encontrada pelos filósofos da Antiguidade Clássica (4000 a.C. até 476 d.C.) de organiza os textos produzidos na época (SOARES, 2006). No entanto, os estudos sobre os gêneros desde então, e o que não aparenta sofrer alterações relevantes no que se sabe sobre toda a história da Teoria dos Gêneros, é o fato de se delimitar ao escopo da discussão apenas os gêneros literários.

Entretanto, com o advento das proposições de BAKHTIN (2003) sobre enunciado e gêneros discursivos, passa a se percebe nos estudos de gêneros, tanto literários, quanto não-literários, uma nova perspectiva:

Todos os diversos campos da linguagem humana estão ligados ao uso da linguagem. [...] o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos



integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo [...] e pelo estilo de linguagem [...], mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Esses elementos [...] estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado [...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo da utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros discursivos*. (Bakhtin, 2003, p. 261/262)

Ou seja, passa-se a ver os gêneros como um conjunto de enunciados, socio-historicamente construídos que se materializam a depender das necessidades comunicativas de dada situação. A partir daqui, temos em vista que os gêneros dos quais pretende-se discutir a relação com o texto da autora - **O Ovo e a Galinha** (1998) - embora sejam considerados literários, como o caso do Conto, ou híbridos, como o caso da Crônica, não escapam dos pressupostos Bakhtinianos. Todavia, se faz necessário também apresentar as noções histórico-estruturais de cada gênero mencionado, para fim de se ter uma noção completa do que estamos discutindo. Já que o que se assume neste trabalho é que as duas óticas sobre gêneros - discursiva/literária - se completam, sendo então necessário trabalhá-las em conjunto.

## 2. Conto

Conto, do Latim *Kóntos*, um dos gêneros literários mais populares da modernidade, com origem pouco precisa - sendo possível identificar suas características em textos do antigo Egito, datados em 4000 anos A.C. (GOTLIB, 1985) - é um dos gêneros com o qual **O Ovo e a Galinha** (1998) vem sendo associado desde sua publicação.

Pode se referir ao gênero, grosseiramente, como uma narrativa curta - literária ou folclórica. Tal conceito é superficial, o que pode ter o levado a sua associação ao texto em questão.

Vejamos então o que MOISÉS (2006) diz quanto a sua matriz estrutural:

Eis porque não causa espécie a ninguém que se mencione o conto na Antiguidade, na idade média e nos tempos modernos e contemporâneos: a matriz do conto permaneceu constante, para além das transformações operadas, uma vez que se operam nas suas camadas epidêmicas. Por mais diferenças que possam ser apontadas entre as histórias de Boccaccio e Jorge Luis Borges, tratar-se-á sempre de narrativas com



características comuns, que permitem rotulá-las de contos. (MOISÉS, 2006, p. 35)

Desta forma, o gênero do conto se apresenta como um gênero de características estruturais firmes, estáveis, fechadas. Como o próprio MOISÉS (2006) diz, ele é, acima de tudo, um sistema cujo os elementos são univalentes. A simples dúvida relativa ao gênero da obra já coloca a sua própria conexão com o gênero do Conto, como vimos acima, em um estado instável.

Discutiremos mais sobre a relação Conto-Texto mais à frente no trabalho. Falemos, agora, sobre a Crônica.

### 3. Crônica

A Crônica, do Grego *Chronikós* e do Latim *Chronica*, relativo a tempo, possui originalmente a função de registro histórico. No entanto, é um gênero por si só problemático: de natureza ambígua desde o surgimento, ganhou popularidade no início do século XIX com a forte disseminação da imprensa. Adere ao jornal como principal meio de circulação, demonstrando mais fortemente nesse processo suas características jornalísticas-literárias (MOISÉS, 2006).

No entanto, ao chegar ao Brasil (mais precisamente no Rio de Janeiro, lugar onde posteriormente Lispector vai passar boa parte de sua vida), o gênero ganha características próprias, que só vão se manifestar e desenvolver na região; chegando a ser classificado como “*sui generis*” por Antonio Candido (CANDIDO, 1992).

Quanto as características literárias-jornalísticas do gênero, MOISÉS diz:

Para o bom entendimento da Crônica, impõe-se preliminarmente uma reflexão acerca do jornal [...] Duas categorias, portanto, de texto linguísticos se encontram no jornal: o que cumpre a função de texto informativo [...] e o que não se prende, regra geral, ao vaivém cotidiano [...] uma coisa é escrever para o jornal, e outra, bem diversa, publicar no jornal. [...] **já** a Crônica move-se entre o ser *no* e *para* o jornal. (MOISÉS, 2006, pag. 103/104)



Como dito acima, a crônica transita nessas duas esferas discursivas, como o texto de Lispector também aparenta, à primeira vista, transitar. Porém, o que a torna um gênero amplo, ao mesmo tempo, deixa-o limitado: é imprescindível para o gênero carregar as características de ambas as esferas - literário/jornalísticas - sem exceder seus parâmetros:

[...] mesmo as crônicas bem conseguidas não fogem ao destino que lhes assinala, desde o nascimento, ser criação em breve e leve. Reduzindo o cotidiano em sua imensa variedade a pílulas de fácil digestão, pois que se digere ao público médio, a crônica é por natureza uma estrutura limitada, não apenas exteriormente, mas, acima de tudo, interiormente. (MOISÉS, 2006, pag. 108)

Como vemos, embora o texto de LISPECTOR (1998) aparente, *a priori*, conter um teor cotidiano ao retratar “a manhã de uma família”; fazendo, assim, com que sua associação com o gênero da crônica se conceba pertinente, ao estabelecer um ponto-de-vista mais crítico, nota-se o equívoco: dizer que a obra da autora se limita a “um acontecimento, socialmente corriqueiro, narrado a parti de um olhar poético” - que é como as características da Crônica podem ser entendidas - parece-nos contestável de várias formas.

#### 4. O Ovo e a Galinha

**O Ovo e a Galinha** (1998) pode ser dividido em três partes essenciais e divergentes<sup>3</sup>, nas quais a narradora autodiegética oscila durante o processo narrativo, assumindo, por vezes, focalização heterodiegética<sup>4</sup>. Há uma alternância na sua focalização que tende a pôr em primeiro plano, inicialmente, a personagem-narradora; outrora, o Ovo; outrora, a Galinha. Esse aspecto móvel e fluido de narração se estende e preenche todos os outros elementos do texto:

[...] Ver o ovo é impossível: o ovo é supervisível, como há sons supersônicos. Ninguém é capaz de ver o ovo. (Lispector, 1998, p.49)

[...] Então o que a galinha faz é estar permanentemente sobrevivendo. Sobreviver chama-se manter luta contra a vida que é mortal. Ser uma

<sup>3</sup> Esta parte da análise, assim como outras no neste trabalho, possuem como norte os trabalhos de Matheus Toledo Gonçalves e Conceição da Silva Zacheu Russo. Ver referencias.  
Nomenclatura e conceitos trazidos a parti dos estudos de Aguiar e Silva (2005)



galinha é isso. A galinha tem o ar constrangido.  
(Lispector, 1998, p.52)

[...] Mas durmo o sono dos justos por saber que minha vida fútil não atrapalha a marcha do grande tempo. Pelo contrário: parece que é exigido de mim que eu seja extremamente fútil, é exigido de mim inclusive que eu durma como um justo. (Lispector, 1998, p.58)

Como dito anteriormente, o texto apresenta diferentes tipos de focalização, o que desagradava a estrutura fixa e univalente do conto. E não só o foco narrativo, como a escolha do tempo da diegese é ambígua e maleável, a ponto de se confundir no texto:

De manhã na cozinha sobre a mesa vejo o ovo.  
Olho o ovo com um só olhar. Imediatamente percebo que não se pode estar vendo o ovo. Ver o ovo nunca se mantém no presente: mal vejo um ovo e já se torna ter visto um ovo há três milênios. [...] Ovo não tem um si-mesmo. Individualmente ele não existe.  
(Lispector, 1998, p.49)

O tempo alterna entre psicológico e cronológico, embora o primeiro possa ser identificado de maneira mais predominante no texto. O que aparenta ser uma manhã corriqueira, cenário que é estabelecido na primeira linha da obra, é completamente desfigurado - se fragmenta junto com qualquer noção de tempo-espaço que é estabelecido ao longo de todo o texto. Tal instabilidade e imprecisão acaba por também escapar para as fronteiras das personagens-objetos:

O ovo terá sido talvez um triângulo que tanto rolou no espaço que foi se ovulando. – O ovo é basicamente um jarro? Terá sido o primeiro jarro moldado pelos Etruscos? Não. O ovo é originário da Macedônia.  
(Lispector, 1998, p.51)

[...] Ao ovo dedico a nação chinesa. (Lispector, 1998, p.50)

Tanto o “Ovo”, como a personagem, perdem o caráter referencial ao decorrer da narrativa. Eles se tornam metáforas indefinidas e densas que se entrelaçam e fogem ao texto; se transformam em alegorias disformes que parecem não possuir um objetivo estabelecido - não cooperam com o desfecho da narrativa.



Toda a obra é de uma linguagem poética maciça e multi-semântica, como é de costume na bibliografia literária da autora. Qualquer tentativa de delimita-lo termina por ser uma falácia, pois o próprio texto parece não permitir uma interpretação individual, fixa.

Dito isto, os aspectos percebidos no texto possuem uma relação de oposição com as características básicas dos gêneros do Conto e da Crônica. Vejamos, respectivamente:

A linguagem em que o conto é vazado deve ser objetiva, plástica e utilizar metáforas de curto espectro, de imediata compreensão para o leitor; despe-se de abstrações e da preocupação pelo rendilho ou pelos esoterismos. (MOISÉS, 2006, p.53/54)

[...] (a) linguagem (na crônica), predominantemente referencial, destinada antes a comunicar uma informação que a expressar os produtos da fantasia criadora. A metáfora continua a prevalecer, é certo, mas em grau elementar, próximo do da prosa de ficção, com a diferença fundamental de que, encerrada a crônica, o fragmento transcrito não acusa qualquer sentido mais amplo... (MOISÉS, 2006, p.105)

Similar a crônica, a matriz estrutural do conto não suporta “metáforas densas, divagações, esoterismos” - o todo precisa ser objetivo, univalente. Na crônica, não se pode perder de vista a relação com a efemeridade dos gêneros do jornal, sua objetividade, sua referencialidade – a crônica não é um texto-literário “completo”.

**O ovo e a Galinha** (1998), como se pode constatar, é uma obra inteiramente literária. Com alegorias que ultrapassam o texto, não se pode dizer, no que se percebe, que a obra tenha em primeiro ou segundo plano, a função informativa - como vemos nas crônicas. Já o conto, em outras palavras, precisa ser rápido e leve; é um gênero que procura atender as demandas da vertiginosa sociedade moderna. Funciona como um retrato de uma cena, todos os seus elementos precisam estar a serviço de um mesmo núcleo. No texto, a autora abusa de divagações, parece, a certo ponto, esquecer até do caráter narrativo da obra. Nesse aspecto, parece-nos insustentável a associação do texto da autora a qualquer de ambos os gêneros.

A parti daqui, de acordo com os resultados da análise, concluímos então que a obra não possui uma relação direta com os gêneros citados. Pois, enfim, à que podemos ligar **O Ovo e a Galinha** (1998), então?



## 5. BAKHTIN/MARCUSCHI

De início, é preciso deixar evidente a visão Bakhtiniana quanto a instituição dos gêneros como uma estrutura “relativamente estável” (2003). Ou seja, recusa-se a ideia de um sistema fixo, que resiste intransponível ao tempo; para admite-se um processo de transformação dos gêneros ao decorrer das necessidades enunciativas. Tal percepção lembra, de certa forma, o que HUGO (2007) diz no prefácio do Cromwell, no qual o mesmo defende a teoria de hibridização dos gêneros literários que formam o Melodrama.

MARCUSCHI (2002), ao citar BAKHTIN, traz à tona a ideia de heterogeneidade dos gêneros, no entanto, também faz um paralelo que se mostra crucial para nossa discussão: a noção de intergêneros.

A questão da intertextualidade de intergêneros evidencia-se como uma mescla de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero e deve ser distinguida da questão da heterogeneidade tipológica do gênero (MARCUSCHI, 2002, pag. 33)

Parafraseando FIX (FIX, 1997 *apud in* MARCUSCHI, 2002), o autor explica que a noção de intergêneros se baseia na apropriação das funções de um determinado gênero na composição de outro, já na heterogeneidade um gênero absorve a estrutura de vários outros tipos de gêneros na sua composição.

Resumidamente, em relação aos gêneros, temos:

- (1) Intertextualidade intergêneros = um gênero com a função de outro
- (2) heterogeneidade tipológica = um gênero com a presença de vários tipos (MARCUSCHI, 2002, pag. 33)

No entanto, embora *a priori* a teoria de intergêneros, ou a de heterogeneidade, pareça solucionar o problema inicial apresentado neste trabalho, ao ter um olhar mais atento, se percebe que o que ocorre em **O Ovo e a Galinha** (1998), como demonstrado anteriormente, não é o processo no qual um gênero se se apropria de características estruturais/funcionais de outro: por mais elementos de outros gêneros que um conto possa anexar a sua composição, ele permanecerá sendo um conto com suas características gerais garantidas. O mesmo ocorre com a crônica. No texto de LISPECTOR (1998), como foi visto, as características dos gêneros do Conto e da Crônica entram conflito constantemente com as que foram analisadas na obra da autora.



Propomos, por fim, então, que o fenômeno que envolve o texto seja o que MARCUSCHI (2002) denomina de maleabilidade dos gêneros:

[...] (Os gêneros) caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2002, pag. 29)

Como vemos, e o que já era salientado na história da teoria dos gêneros, é que qualquer gênero discursivo é passível a mudanças, transformações. Eles se renovam para atender as necessidades sócio-culturais das sociedades - os gêneros literários não escapam à essa proposição. Entretanto esses novos gêneros não surgem do nada, eles estão ligados a um processo de “reprodução” a partir de gêneros anteriores.

## CONCLUSÃO

Dito tudo isto, concluímos então que o texto da autora, de acordo com o que foi discutido, provavelmente, se configura na perspectiva de “maleabilidade de gêneros”; no qual um gênero - sendo ele Crônica, Conto ou qualquer outro – se atualiza atendendo as demandas de sua esfera discursiva.

Percebemos também que a utilização da teoria de gêneros – tanto discursiva/textual, quanto literária – quando trabalhadas em conjunto, tendem a fornecer um panorama ampliado para o entendimento dos gêneros literários. Definimos, também, que **O Ovo e a Galinha** (1998) não é um conto, ou uma crônica, mas possivelmente um gênero novo, que surge, no entanto, ancorado na gênese de seus predecessores – os gêneros citados – de acordo com o proposto pela teoria de BAKHTIN (2003).

A categoria de “não-gênero”, que alguns editores e críticos já atribuíram a obra, pode parecer exagerada a princípio, porém, a vista de que não se possui, até o presente momento da composição deste trabalho, uma nomenclatura institucionalizada mais adequada que se tenha conhecimento; nos parece ser a alternativa mais sensata, se comparada a aquisição equivocada de denominações como Conto e Crônica, que convencionalmente costuma ser adota.



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4.ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 2003.
- CANDIDO, Antonio [et al]. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. 1.ed. São Paulo: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação casa de Rui Barbosa, 1992.
- CONHECIMENTO PRÁTICO LITERATURA. **Análise do conto "O ovo e a galinha"**. Disponível em: <http://conhecimentoliteratura.com.br/confira-a-analise-do-conto-o-ovo-e-a-galinha/>. Acesso em 11 de jun. 2018.
- GONÇALVES, Matheus Toledo. **Notas sobre "O ovo e a galinha"**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/humanidades/article/viewFile/113333/111285/>. Acesso em 11 de jun. 2018.
- GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime**. Tradução do prefácio do **Cromwell**: tradução e notas: BERRETTINI, Célia. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**.16. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A.P., Machado A.R., Bezerra, M.A.(orgas.) Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2002.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa I**.16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa II**.16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SOARES, Angélica. **Gêneros literários**.7. ed. São Paulo: Ática, 2007